

QUANDO A CONVERSA SOBRE SEXO CHEGA À ESCOLA: O AUTOEROTISMO EM SALA DE AULA

Ricardo Desidério da Silva¹

Resumo

Percebendo-se a necessidade de uma discussão sobre a temática da sexualidade nas escolas e principalmente na formação dos docentes, este estudo qualitativo investigou o relato de professores sobre o autoerotismo de seus alunos em sala de aula, concluindo que os professores ainda percebem a sexualidade a partir de mitos e tabus, especialmente o autoerotismo. Em vista disso, é importante investir na formação acadêmica de professores para que possam desenvolver de modo pedagógico, contínuo e sistemático projetos de Educação Sexual na escola.

Palavras-chave: Autoerotismo. Educação sexual. Sexualidade.

WHEN THE TALK ABOUT SEX COMES UP IN SCHOOL: AUTOEROTICISM IN THE CLASSROOM

Abstract

Realizing the need for a discussion on the topic of sexuality in schools and in teacher training, this qualitative study investigated teachers' reports about the autoeroticism of their students in the classroom, concluding that teachers still perceive sexuality from myths and taboos, especially autoeroticism. As a result, it is important to invest in the academic training of teachers so that they can develop sex education projects in school in a pedagogical, continuous and systematic way.

Key words: Autoeroticism. Sexual education. Sexuality.

Introdução

Ao longo dos anos, muitos tabus foram criados sobre uma das manifestações mais naturais da sexualidade humana. Cunha (1981) faz uma síntese histórica de grandes movimentos que marcaram e ainda marcam a história da sexualidade humana, esclarecendo com riqueza muitas das formas de se pensar e agir sobre o sexo.

No texto, o autor nos faz lembrar o movimento Vitorianismo, do século XIX, que aceitava o sexo com o único objetivo de procriação e, mesmo assim, restrito ao casamento. O autor também nos possibilita recordar de alguém que realmente pôde ter coragem “de se insurgir contra esse movimento e considerar a sexualidade como uma inspiração. Seu nome foi Henry Havelock Ellis (1859-1939)” (CUNHA, 1981, p. 19).

Para Cunha (1981), Ellis, ainda adolescente, sofria muito com suas poluções noturnas – ejaculação involuntária durante o sono, comum nessa faixa etária. Segundo o autor, Ellis morria de medo das ejaculações involuntárias porque se dizia na época “que a perda de sêmen levava à fraqueza, doença e loucura” (p. 24). Com o passar dos anos, Ellis

¹ Doutorando em Educação Escolar, na linha de pesquisa em Sexualidade, Cultura e Educação Sexual pela UNESP/Araraquara. Contato: rickdesiderio@hotmail.com

foi percebendo que não estava adoecendo e muito menos ficando louco. Com isso, decidi dedicar-se a entender a sua própria sexualidade e a de toda a humanidade, passando a estudar Medicina.

Ellis então se tornou conhecido a partir dos seus “Estudos da Psicologia do Sexo”, publicados entre 1896 e 1910. Essa obra trouxe à tona uma de suas conclusões – “a masturbação é um fenômeno comum entre machos e fêmeas de qualquer idade” (CUNHA, 1981, p. 24) – e ainda afirmou a necessidade da educação sexual para todos.

Passados então os séculos XIX e XX, ainda nos deparamos com um grande mito e tabu da sexualidade humana – o autoerotismo. No ambiente escolar, a expressão da sexualidade se faz presente cotidianamente. O professor vivencia uma das manifestações da sexualidade da criança e do adolescente – a manipulação dos órgãos sexuais. Essa manifestação se organiza por volta dos três ou quatro anos de idade e “é uma das mais intensas descobertas infantis”, segundo Nunes e Silva (2006, p. 77). Para os autores, essa fase proporciona à criança intensa experiência de prazer – descoberta do próprio corpo, que não deve ser confundida com o ato intencional, “daí ser absolutamente ridículo e descabido reprimi-la como ‘masturbação’ ou perversidade” (NUNES; SILVA, 2006, p. 77).

Porém, mesmo que essa manifestação da sexualidade seja algo natural presente no cotidiano escolar, muitos professores ainda a consideram uma situação difícil de lidar, seja na sua vida pessoal, seja no contexto da escola (MAIA; MAIA, 2005). O que eles pensam de fato sobre a questão? Como relatam reagir diante de uma situação como essa? O que dizem fazer? Para elucidar essas questões, este estudo qualitativo investigou o relato de professores sobre o autoerotismo de seus alunos e alunas na sala de aula.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 09 professores, de ambos os sexos, de escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio da cidade de Londrina, PR. Esses professores receberam aqui nomes fictícios por ordem de apresentação no texto: Elisa (professora de Ciências e Biologia, de 47 anos de idade); Tânia (professora de Química, 45 anos); Gabriela (professora de História, 28 anos); Soraya (professora de Geografia, 51 anos); Gilberto (professor de Matemática, 45 anos); Rebeca (professora de Ciências e Biologia, 38 anos); Janaína (professora de História, 37 anos); Mário (professor de Sociologia, 48 anos) e Cleonice (de Ciências e Biologia, 39 anos). Os participantes foram devidamente esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, respeitando os procedimentos éticos em pesquisa com seres humanos.

Procedimento de coleta e análise de dados

A coleta de dados foi executada a partir de entrevistas, que versaram sobre a concepção do professor sobre a manifestação da sexualidade – autoerotismo em sala de aula. A entrevista foi organizada apresentando a situação projetiva em que os professores pudessem relatar o autoerotismo no contexto escolar. Foi perguntado a cada um deles: “Se, em um dado momento, você percebesse que um aluno está se masturbando e, ao se direcionar a ele, a sala toda comesse a comentar o fato, de que forma você reagiria?”

As entrevistas foram realizadas na própria escola em que trabalhavam os professores, em uma sala reservada e com privacidade. Todas foram gravadas e transcritas na íntegra. Para a avaliação dos relatos, empregou-se o método de análise de conteúdo segundo Bardin (2007).

No conjunto de procedimentos conhecido como Análise de Conteúdo, existe uma técnica denominada análise temática, que consiste na leitura do material transcrito, seleção de trechos significativos e relevantes e posterior identificação, construção e análise das categorias temáticas (BARDIN, 2007; MINAYO, 2004).

Resultados e discussão

Para melhor compreensão dos argumentos apresentados por esses professores, seguem as transcrições de suas falas (concepções e contradições) e a análise das reais atitudes (perspectivas) que eles poderiam desenvolver sobre o assunto em sala de aula.

Elisa relata que essa situação já aconteceu com outra professora na escola em que ela trabalhava. O aluno se masturbava e se limpava na cortina, e só depois de isso acontecer umas duas ou três vezes a professora contatou a direção, que, por sua vez, comunicou o fato à supervisão: “E daí jogaram pra quem? Joga pro professor de Ciências e Biologia, infelizmente”. Percebe-se nessa fala da professora um direcionamento muito comum nas escolas de que quaisquer assuntos relacionados à sexualidade só podem ser resolvidos pelos professores da área biológica, o que não é verdade: sabemos que qualquer professor, seja qual for sua formação, pode tratar e/ou abordar questões sobre a temática.

Entretanto, percebe-se na fala da professora que a própria manifestação da sexualidade do aluno não está tão clara para ela:

Primeiro eu conversei com o menino sobre o porquê ele fazia isso em sala de aula, que, se ele devia ou não, não era eu que ia falar isso pra ele, mas que ali não era o lugar adequado, podia não ser a hora adequada, que isso é uma falta de respeito com as outras crianças que estão ali, porque ele era um pouco maior, mas tinha crianças maiores. Às vezes, isso daí poderia ser normal pra ele, mas pras outras crianças isso daí não é normal. Depois de falar com ele, eu falei com a sala, só que ele não quis ficar dentro de sala de aula. A sala viu, mas só que ninguém falou nada, ninguém comentou, e não sei se porque o menino era maior. [...] Daí eu cheguei pra sala e falei, comentei com eles que ali não era o lugar adequado.

A professora também relatou que, logo após falar com a turma, começaram a surgir perguntas e ela acabou comentando algo que ouviu falar:

Daí já [vieram] as perguntas se era pecado se masturbar, se dava espinha se masturbar e todas aquelas perguntas. Daí eu fui explicando pra sala que não é pecado, que não dá espinhas, mas o porquê não se deve se masturbar, porque, segundo eu fiquei sabendo, tanto a mulher como o homem, se começarem a se masturbar... pode trocar o homem pela masturbação, no caso da mulher, e o homem trocar a mulher, porque ele sabe o ponto dele, mas que não era pecado e eles aceitaram numa boa.

Pode-se observar que Elisa manifesta, claramente, a crença, apresentada por Furlani (2007, p. 136), de que “quem muito se masturba não tem interesse em praticar sexo com parceiro (a)”. Acredito que o fundamental seria explicar que o autoerotismo se faz em ambientes privados, salientando a importância da privacidade, de forma que o aluno não

seja reprimido por sua atitude. É fundamental mostrar que a questão é o local, que não é apropriado para isso, e não o fato de ocorrer o autoerotismo, como afirma Figueiró (2008). Entre os outros professores pesquisados essa situação não havia ocorrido, mas Tânia acredita que iria se assustar e tentaria falar sobre o assunto. Quanto às piadas, ela considera natural acontecerem, desde que sem preconceitos:

Eu vou me assustar, mas mesmo assim eu vou criar coragem, vou quebrar minhas barreiras e vou falar sobre o assunto. [...] Bom [pausa], eu acho que eu vou dar uma bronca, mas uma bronca pra acalmar, e depois a gente vai tentar solucionar e explicar que não é motivo pra dar risada... É... pode até dar risada; uma coisa decente, contar umas piadinhas. Mas aí tem que realmente... porque só ficar bravo também não vai funcionar. Tem mais que se posicionar pra falar da importância mesmo que pode ter e depois falar o assunto real...

A professora Gabriela disse que comentaria, em classe, que se trata de um ato normal, apesar de admitir que, para ela, não é algo totalmente normal, revelando uma possível ambivalência nesse aspecto: “*Eu ia falar que é uma coisa normal. Pra mim, não chega a ser uma coisa completamente normal, faz parte de descobrir a sexualidade*”. A professora também acredita que iria ficar constrangida: “*Eu ia ficar encabulada, eu ia ficar constrangida pelo local em que ele está fazendo, mas não pelo ato*”.

Mesmo sendo uma situação bastante constrangedora, Soraya acredita que saberia lidar com ela. “*É... eu acho assim: na hora a gente vai ficar assim um pouco constrangida, mas eu acho que eu vou ter suporte pra controlar a situação*”.

Gilberto acredita que, mesmo se tratando de um tema que envolve sexualidade, essa situação poderia chocá-lo:

[...] por mais que eu esteja aberto, por mais que eu goste de tratar do assunto, por mais que qualquer outra coisa, é uma cena que choca qualquer um, seja homem, seja mulher, o professor ou mesmo os que estiverem à sua volta.

Quando perguntado se fingiria não ver o aluno se masturbando, ele responde:

Se for uma coisa, vamos dizer, um toque esporádico, de repente o cara resolveu lá coçar o pênis, ou a menina, de repente, resolveu se tocar ou coisa parecida. Se a gente v[i]r que é uma vez ou outra, dependendo do grau de exposição, às vezes, a gente tem que ficar até quieto, porque, às vezes, a gente tem que ter certeza das coisas antes de agir. Então, se a gente não vê maldade, se a gente vê que aquilo não está extrapolando uma coisa que possa ferir o direito dos outros, em alguns casos a gente pode até ser um pouco neutro. Agora, se a gente perceber que aquilo ali está extrapolando, que está sendo feito com maldade, com uma certa malícia, com a intencionalidade de, de repente, agredir os demais, aí é certo que nós temos que agir.

A professora Rebeca não saberia reagir diante da situação, mas tentaria conversar com o aluno e com a turma:

Com o aluno, de repente, eu acho que chegaria e falaria: ‘Olha, aqui não é o lugar apropriado pra fazer isso. A masturbação é uma coisa saudável, é uma descoberta de seu próprio corpo, que você se toca, você sente prazer, mas há um lugar pra fazer isso’. [...] e falaria pra turma que é uma coisa natural, não dá pelo na mão, porque existe um monte de tabu, e que esses tabus, ainda, saem em sala de aula. Apesar de tudo, essa informação que eles recebem de um pro outro tem muita coisa errada, né? Aí a necessidade da gente passar coisas que [são] o certo.

Janaína pediria para o aluno sair da sala, buscando, assim, minimizar (postergar) a situação de mal-estar. Porém, se a sala não percebesse o fato, ela deixaria passar também: “Se eu v[er] e ninguém mais v[er], eu deixo quieto. Se os outros alunos viram, eu peço pra ele sair”. Em relação às piadas que poderiam surgir na sala, ela relata que não tem como proibi-las.

Para Mário, tudo vai depender do momento e do seu próprio estado de humor, o que evidencia que há ocasiões em que o educador tem maior controle sobre as suas emoções e consegue lidar melhor com situações inusitadas e difíceis. Entretanto, sob pressão de outras circunstâncias, pode vir a ter uma conduta mais alterada, inadequada. Pondera, também, que sua atitude pode variar de acordo com a idade do aluno em questão:

Vai depender muito, eu acredito, do momento. Se você pegar num momento de tranquilidade, você até consegue. Agora, se está num dia não muito bom, que, como o aluno, né, você tem que respeitar todo dia em que não está bom, o professor também tem dia que é à noite já, ele teve um dia cheio, de repente ele estoura. Você tem que tomar um cuidado enorme. Você faz de tudo pra manter a calma e conseguir. Aí você tem que olhar até que aluno. Se for um aluno menor, é um tratamento; se é um aluno maior, é outro. [...] Nunca me aconteceu, mas aí não teria nem o que fazer. Teria que ter calma pra conseguir contornar a situação. Agora, a calma eu acho que depende do momento.

A professora Cleonice usaria a discrição e se aproximaria do aluno para conversar. Caso surgisse alguma piadinha na sala, ela conversaria com os alunos de uma maneira “natural”.

Caso eu detectasse, eu teria que ir ali meio pertinbo, próximo ao aluno. Falaria: ‘Dá licença, só um pouquinho. Você quer... Tem que ser mais discreto, aqui não é um local muito oportuno; você não quer dar uma saidinha?’. Pra que não ocorresse assim... Porque é um local público a sala de aula. Então, não seria um local adequado para essas situações. [...] Caso surgissem algumas piadas quanto a isso, o que eu faria? Eu falaria: ‘Calma, gente! Isso aí é uma coisa [pela qual] nós podemos passar, só que nós deveríamos escolher os locais mais apropriados [para que não se torne muito pública].

A professora também argumenta que, se o fato acontecesse de uma forma muito sutil, ela até fingiria não ter visto acontecer nada; caso contrário, ela agiria:

Depende, né, depende da situação, se tem poucos alunos, se foi uma coisa muito sutil, de relance, que não se tenha visto mais. [...] Bom... passou, passou! Agora, se continua uma cena dessas, eu acho que teria que agir pra não [se] tornar uma coisa muito alarmante naquele lugar, né, não muito apropriada.

Quanto à masturbação, pode-se observar que o tema ainda é descrito como algo “assustador”, tendo como objeto mobilizador duas situações: a masturbação em si e o fato de ela poder ocorrer em sala de aula. Mais do que isso, diante desse tipo de manifestação sexual, os professores relatam que agiriam segundo suas concepções pessoais, e não baseados em teorias, o que evidencia carência na sua formação para lidar com educação sexual na escola (DESIDÉRIO, 2010; FIGUEIRÓ, 2006; MAIA; SPAZIANI, 2010; SILVA, 2002).

Para Furlani (2007, p. 135), a masturbação não deve ser encarada “com o preconceito repressor que vem sendo conferido, principalmente, às crianças e jovens que a praticam”. Segundo a autora, uma das ideias que constituem a crendice sobre masturbação é a de que “quem muito se masturba não tem interesse em praticar sexo com parceiro(a)” (FURLANI, 2007, p. 136). Pode-se observar que a professora Elisa manifestou claramente essa crença ao comentar como reagiria com seus alunos caso viesse a se defrontar com tal situação.

Furlani (2007, p. 137) argumenta:

[...] pode-se considerar que, de um modo geral, há uma preferência em se praticar o sexo com um(a) companheiro(a). Contudo, sabemos que não se trata apenas de uma questão de preferência e sim de oportunidade. Optar por masturbar-se pode independe da vontade, uma vez que a necessidade orgânica pelo sexo (o extravasar sexual) é uma realidade tanto para os homens como para as mulheres, podendo ocorrer, portanto, em qualquer época da vida.

Egypto e Egypto (1990, p. 31) também consideram um mito dizer que “a pessoa que aprende a desfrutar de um tipo de prazer sozinha teria dificuldade de encontrar prazer com um companheiro ou companheira”.

Há várias formas e vários graus de prazer e não se pode medi-los. A mesma pessoa é capaz de sentir tipos e graus diferentes de prazer, sozinha ou acompanhada, conforme esteja mais disposta ou cansada, preocupada ou mais satisfeita. [...] Também as pessoas que têm vida sexual regular com parceiros podem recorrer e recorrem à masturbação, seja porque desfrutam de um tipo diferente de prazer, seja para aliviar tensões, seja porque está impossibilitado ou ausente. (EGYPTO; EGYPTO, 1990, p. 31-32).

Em relação à masturbação em sala de aula, Figueiró (2008) afirma que, em primeiro lugar, é natural que todos toquem em seus genitais e que possam descobrir que isso dá prazer e é bom, além de não ser necessário desviar a atenção da criança para alguma

atividade, desde que não haja outras pessoas no mesmo ambiente. Porém, como em sala de aula sempre há outras crianças, se o professor observar algum aluno ou aluna praticando o autoerotismo, é importante explicar que isso se faz em ambientes privados, não havendo necessidade de chamar os pais, porque o próprio professor pode conversar e esclarecer sobre a importância da privacidade. É fundamental que o aluno não seja reprimido por sua atitude; o importante é mostrar que o local não é apropriado para isso, e não o autoerotismo. A autora também alerta que, se o aluno ou aluna repete o ato muitas vezes, o educador deve ter uma conversa particular, considerando a possibilidade de uma irritação nos genitais e, conseqüentemente, a necessidade de comunicar a mãe, o pai ou o responsável para levar o filho ou filha ao médico.

Logo será possível uma escola sem um trabalho de Educação Sexual? Segundo Aratangy (1998, p. 14), a sexualidade está por toda parte, “nas conversas de corredor, na ansiedade da sala dos professores, nas grafites dos banheiros”. Omitir é possível? Segundo Aratangy (1998), a sexualidade se aprende sempre, em todo lugar. Para a autora, em cada gesto de afeto, em cada emoção vivida, em cada vínculo a sexualidade se faz presente.

Considerações finais

O que os professores relataram sobre o autoerotismo no contexto da escola (o que pensam, sentem e dizem agir) retrata a grande dificuldade que ainda há sobre a sexualidade humana e a carência de formação acadêmica para que esse assunto seja tratado de forma pedagógica na escola. Observamos que os professores ainda carregam mitos e tabus – concepções errôneas – sobre o autoerotismo e a sexualidade, de modo que se faz necessária uma formação continuada na área da sexualidade.

Um grupo de estudos sobre essa temática, por exemplo, possibilitaria a esses professores, dentro do espaço da escola, a ampliação da compreensão sobre o assunto, permitindo a revisão de atitudes, crenças e valores, propiciando uma postura profissional consciente, tendo como ponto de partida e de chegada suas necessidades, suas indagações, suas aspirações e seus desejos.

Todos esses aspectos nos fazem refletir sobre a necessidade de compreendermos que a sexualidade é parte integrante do ser humano e que a Educação Sexual precisa ser tomada como toda ação que envolve a aprendizagem sobre sexualidade humana. Para isso, faz-se necessário que nós educadores desenvolvamos diretrizes e princípios filosóficos, éticos e políticos emancipatórios a partir da consideração da ação de resistência e afirmação de novas culturas e valores presentes na sociedade brasileira atual, reconhecendo que há uma marcha de cidadãos e cidadãs em busca de seus direitos e identidades e dando-lhes as condições para compreender e viver positivamente a sua sexualidade.

Referências

ARATANGY, Lidia Rosenberg. *Sexualidade: A difícil arte do encontro*. São Paulo: Ática, 1998.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa. Lisboa: Edições 70, 2007.

CUNHA, Paulo Fernando Lapa da. A longa história da repressão sexual. *Psicologia em curso*, v. 2, n. 8, p. 19-26, 1981.

DESIDÉRIO, Ricardo. *Quando a conversa sobre sexo chega à escola: concepções, contradições e perspectivas de professores e seus alunos*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

EGYPTO, Antonio Carlos; EGYPTO, Marga Moura. Masturbação. In: BARROSO, Carmen; BRUSCHINI, Cristina. *Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola*. São Paulo: Cortez, 1990. p. 30-40.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: Eduel, 2006.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Auto-erotismo: orientação para educadores. *Folha de Londrina*, Londrina, Cidades, Sexo & Comportamento, p. 02, 2008.

FURLANI, Jimena. *Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em Educação Sexual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando (Org.). *Sexualidade e Infância*. São Paulo: Unesp; Brasília: MEC, SEF, 2005. (Cadernos CECEMCA, n. 1).

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; SPAZIANI, Raquel Baptista. Manifestações da Sexualidade Infantil: percepção de pais e professores de crianças de 0 a 6 anos. *Linhas*, v. 11, n. 1, p. 68-84, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 2004.

NUNES, Cesar; Silva, Edna. *A Educação Sexual da criança*. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, Ricardo de Castro e. *Orientação sexual: possibilidade de mudança na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.